

# A DEMOCRATA

ENTREVISTA

## LEONOR BELEZA

"A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE LIVRE, SOLIDÁRIA E PRÓSPERA, COMO EU DESEJO, É UMA OBRA SEMPRE INACABADA"

Pág. 12



### BIFES À SÃO BENTO

"O 25 de Abril: A Assembleia da República 50 Anos de Democracia e Liberdade"

por Andreia Bernardo

Pág. 5

### CÂMARA ALTA

"Como manter viva e atuante a Democracia em que acreditamos?"

por Francisco Pinto Balsemão

Pág. 6

### SÃO CAETANO ÀS LAPAS

"Os 50 anos do 25 de abril é o futuro"

por Marcos Perestrello

Pág. 8



## EDITORIAL

# As fases de Abril

Abril é um mês que nos convoca sempre a refletir sobre Portugal, não só nas nossas conquistas sociais, como nas dificuldades do momento, mas sobretudo na projeção que fazemos do nosso futuro.

Sei que muitas forças políticas querem formatar Abril aos seus moldes ideológicos numa clara tentativa de usar a data de forma possessiva e o seu significado em benefício próprio. Mas a democracia e a liberdade não se fizeram só em Abril.

As Revoluções não se fazem num dia, fazem-se através de um projeto de progressão constante.

Abril foi a fase inicial, foi o rasgar com o antigo regime bafiento, fechado e castrador da nossa sociedade a que se seguiu Novembro de 1975 e a Constituição de 1976.

Mário Soares, Sá Carneiro e Cavaco Silva são os rostos da segunda fase: A consolidação.

Abril fez 50 anos, contudo nunca como hoje, houve tantas dúvidas. As opiniões de alguns tornaram-se verdades de massas e o populismo sem escrúpulo a base de ataque a tudo o que fomos construindo.

A Democracia e a Liberdade são construções modelares e faseadas. Estamos atualmente na fase de defesa destes valores.

Viva o 25 de Abril!



**LUÍS NUNES DOS SANTOS**  
DIRETOR

## FICHA TÉCNICA

**Proprietário:** PSD | Partido Social Democrata NIF: 500835012  
**Registo na ERC:** n.º127932  
**Editor:** JSD | Juventude Social Democrata NIF: 500835012  
Rua Ricardo Espírito Santo 1, R/C Dto., 1200-790 Lisboa – jsd@jsd.pt – www.jsd.pt  
**Director:** Luís Nunes dos Santos  
**Redação:** Rua Ricardo Espírito Santo 1, R/C Dto., 1200-790 Lisboa  
**Impressão:** GRAFISOL – Artes Gráficas – Rua das Maçarocas  
Abrunheira Business Center n.º 03 – Abrunheira – 2710-056 Sintra  
**Periodicidade:** Mensal  
**Tiragem:** 50

Todos os direitos reservados. Interditada a reprodução, mesmo que parcial de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios e para quaisquer fins, designadamente comerciais.

## A DEMOCRATA

# ÍNDICE

MOULES AVEC FRITES  
Pág. 4

BIFES À SÃO BENTO  
Pág. 5

CÂMARA ALTA  
Pág. 6

SÃO CAETANO ÀS LAPAS  
Pág. 8

DO PONTAL ATÉ À LAPA: CRÍTICA CULTURAL  
Pág. 10

DIGA LÁ SUA EXCELÊNCIA  
Pág. 12

LARANJA MECÂNICA  
Pág. 18

JSD LOOK & FEED  
Pág. 22

AGENDA  
Pág. 23

ENSAIAR O FUTURO  
Pág. 24

RETRATO DE UM PROUST ENQUANTO JOVEM  
Pág. 28

FAZER A DIFERENÇA  
Pág. 29

LOJA JOTA  
Pág. 30



**Alexandre Poço**  
Presidente da JSD

## 50 ANOS

Na nossa história de quase 900 anos, assinalamos este mês de abril uma data da maior relevância para Portugal: 50 anos da revolução que abriu caminho à criação da atual democracia representativa, liberal e ocidental, integrada na União Europeia e que permitiu conquistas significativas para as últimas gerações de portugueses. Nenhuma democracia é perfeita, a nossa também não o é, mas é em democracia, com pluralismo, liberdades e estado de direito, que temos de resolver os principais problemas que afetam a vida do nosso povo. Não estamos ainda onde queremos ou onde almejávamos estar em 1974: falta desenvolver o país para o libertar da cauda da Europa, garantir que os portugueses conseguem a prosperidade e a qualidade de vida das sociedades mais prósperas do mundo e ainda, que há futuro para as novas gerações em Portugal. Temos hoje inúmeros desafios e bloqueios, da justiça à saúde, da educação à habitação, da demografia à pobreza, entre outros. Acredito que será sempre em Democracia que avançaremos para os resolver. Por isso, devemos festejar os 50 anos do 25 de abril, cientes de que ainda há muito para fazer.

## SOBE E DESCE



SEBASTIÃO BUGALHO

FERNANDO ARAÚJO

## FICOU PARA A HISTÓRIA

“A liberdade é um bem tão apreciado  
que queremos ser donos até da alheia”

Montesquieu  
Político, filósofo e escritor francês



# MOULES AVEC FRITES

Ana Miguel dos Santos



# BIFES À SAO BENTO

Andreia Bernardo



## EUROPA 2.0: DO CETICISMO À CONFIANÇA, DA BUROCRACIA À AÇÃO!

No próximo dia 9 de junho, os 27 estados-membros da União Europeia vão a eleições, num dos momentos mais desafiantes para a Europa.

Estas eleições não representam apenas uma escolha política ordinária, mas uma decisiva afirmação sobre o futuro da integração e estabilidade europeias.

O cenário geopolítico da Europa encontra-se marcado por uma volatilidade crescente, onde a multipolaridade emergente exige uma redefinição estratégica profunda. A instabilidade gerada por conflitos periféricos, exemplificada pela persistente guerra na Ucrânia, impõe à União a necessidade de uma postura coesa e robusta, orientada para a redução de dependências externas.

A coesão interna da União, também enfrenta provas significativas. O Brexit não foi um epifenómeno, mas um indicador de desafios mais profundos na aceitação das políticas comuns e na integração económica e social. Com o contínuo alargamento da União, a necessidade de políticas que assegurem um equilíbrio justo e benefícios palpáveis a todas as regiões torna-se ainda mais premente. É imperativo que a União Europeia desenvolva mecanismos mais eficazes para equilibrar as diversas realidades económicas e sociais dos seus membros, fortalecendo o tecido social e económico comum. A revolução tecnológica e a digitalização, por seu turno, representam tanto oportunidades como desafios. A União Europeia encontra-se num momento crucial para liderar a transforma-

ção digital global, enfrentando diretamente os desafios impostos por monopólios tecnológicos, bem como pelas distorções trazidas pela desinformação. Regulamentações rigorosas em inteligência artificial, proteção de dados e segurança cibernética são fundamentais para salvaguardar os interesses e a integridade dos cidadãos europeus. Além disso, a Europa deve ser pioneira na promoção de tecnologias que garantam a inclusão digital e combatam a disseminação de informações falsas.

Mas o maior desafio é, sem dúvida, o resgate e a consolidação da confiança dos seus cidadãos. Este objetivo implica uma transformação substantiva na natureza da sua governança, que deve estar orientada para uma redução significativa da sua tendência burocrática e para uma abertura maior à participação e necessidades dos cidadãos europeus. Fundamentalmente, é imperativo que a União adote uma postura menos reativa e mais proativa, não se limitando a responder aos problemas à medida que surgem, mas antecipando-os e desenvolvendo soluções inovadoras e eficazes.

A Europa precisa de ir além dos discursos e das promessas. É crucial concretizar ações que manifestem resultados palpáveis e melhorias na vida cotidiana dos seus cidadãos. Apenas através de uma governança mais dinâmica, transparente e responsiva poderá a União Europeia enfrentar com êxito o crescente ceticismo público e fortalecer a sua legitimidade e relevância no panorama internacional.

## O 25 DE ABRIL: A ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA 50 ANOS DE DEMOCRACIA E LIBERDADE

Neste ano em que celebramos os 50 anos do 25 de Abril, é essencial refletirmos sobre a importância deste marco histórico no nosso país e no percurso como nação democrática. Como recém-chegada à Assembleia da República, sinto-me, particularmente, responsável em preservar e honrar os ideais de liberdade e democracia pelos quais tantos lutaram.

O 25 de Abril de 1974 representou não apenas o fim de um regime opressivo, mas também o renascimento de Portugal como uma democracia, onde cada voz conta e cada cidadão tem o direito de ser ouvido. A Revolução dos Cravos não foi apenas um momento de mudança política, mas sim um despertar para uma nova era de liberdade, igualdade e justiça social. Se hoje tenho a honra de representar todos os portugueses, é porque existiram eleições democráticas e cada pessoa teve a oportunidade exprimir a sua opinião.

A Assembleia da República, como órgão máximo da representação democrática, desempenha um papel crucial na consolidação destes valores. É aqui que se debate e se aprova a legislação que molda a vida dos cidadãos portugueses. É aqui também que se defendem os direitos e interesses da população, garantindo que a vontade de todos seja respeitada e protegida.

Contudo, a comemoração do 25 de Abril não é apenas um momento de celebração, mas também de reflexão e reafirmação dos princípios que o tornaram possível. A liberdade e a democracia não são conquistas definitivas, mas sim conquistas que exigem constante vigilância e compromisso por parte de todos os cidadãos e, em particular, dos representantes eleitos. Como Deputada, comprometo-me a trabalhar incansavelmente para fortalecer as instituições democráticas e promover a participação cívica e

política dos cidadãos.

Se para uns é claro o antes e depois desta revolução positiva que aconteceu no nosso país, para outros, tantos como eu, já nasceram na era da transformação digital que revolucionou a forma como interagimos, comunicamos e acedemos à informação, proporcionando liberdades que eram impensáveis antes do 25 de Abril.

Hoje, a liberdade de expressão encontra-se materializada nas redes sociais, onde podemos partilhar livremente as nossas opiniões e ideias com o mundo. Antes da revolução, a censura e o controle sobre os meios de comunicação limitavam severamente a expressão individual, impedindo a livre circulação de informação e ideias. Além disso, a internet democratizou o acesso ao conhecimento, permitindo que qualquer pessoa, independentemente da sua origem ou estatuto social, possa aprender e expandir os seus horizontes através de recursos educacionais online. Este acesso sem precedentes à informação e à educação representa uma conquista significativa da liberdade intelectual, que devemos em grande parte aos avanços da era digital pós-25 de Abril e à liberdade de mobilidade que tens, no nosso país e na Europa.

Neste ano de celebração dos 50 anos do 25 de Abril, é então fundamental que recordemos os sacrifícios daqueles que lutaram pela nossa liberdade, mas também, que seja um compromisso de todos reafirmemos os valores democráticos.

Se hoje, estou aqui sentada, na Casa de Democracia, neste ano especial, é porque todos podem ter uma voz sobre o seu futuro. Que esta data histórica nos inspire a olhar para o futuro com esperança e determinação, nunca esquecendo os desafios de hoje, aqui e no mundo.



CÂMARA ALTA

# COMO MANTER VIVA E ATUANTE A DEMOCRACIA EM QUE ACREDITAMOS?

Francisco Pinto Balsemão

## Conseguiremos transpor, adaptar, manter viva e atuante no futuro a democracia que temos e praticamos no presente?

Conseguiremos transpor, adaptar, manter viva e atuante no futuro a democracia que temos e praticamos no presente?

Se não queremos cair em situações absurdas, como a gerada pelas eleições legislativas de 2023, em Espanha, não nos basta reconhecer que temos direitos. É preciso também exercê-los. E fazê-lo de modo a que as decisões que podem salvar e dinamizar a sociedade sejam tomadas a tempo e, sobretudo, executadas sem atrasos nem desvios pseudo-justificados pelos conservadores de todos os quadrantes, por desculpas formais e adiamentos mesquinhos. Pensemos, por exemplo, nas eternas e suicidariamente adiadas revisões da lei eleitoral portuguesa. Pensemos no tempo que, na atualidade, o PRR esperou pela respetiva regulamentação e, publicada finalmente esta, teve de aguardar pela chamada regulamentação específica. E acrescentemos o pedido de reprogramação do PRR feito pelo Governo português à Comissão Europeia, em maio de 2023.

A cidadania implica sempre presença, ação, coragem e, portanto, exercício ativo dos direitos conquistados. Embora a abstenção seja um direito, não é pela ausência, pelo alheamento, que se consegue a mudança. Existem, aliás, países democráticos onde os cidadãos que se abstêm são penalizados.

O que se constata, como pano de fundo, é uma falta de crença na representatividade do sistema, incluindo os partidos e as próprias eleições. Mas, até agora, não surge alternativa.

O salto tecnológico, a revolução digital obriga, no entanto, a repensar a democracia liberal num quadro a que Paulo Rangel chamou a democracia «pós-territorial».

A crise do Estado Nação está, em qualquer caso, por detrás da crise da governação em democracia. A queda do Muro, que já ocorreu há 34 anos, e a globalização entraram em conflito com a manutenção das estruturas e dos espaços formais no âmbito nacional. Não é, contudo, à escala nacional que se enfrentam e resolvem problemas como a crise do sistema financeiro, o terrorismo, as migrações ou a sustentabilidade.

A alternativa da participação, nas redes sociais, não tem equivalente na representação, na ordem interna e na ordem internacional, do novo cidadão, equipado tecnologicamente.

Em tudo isto e por tudo isto, a dimensão ética é cada vez mais importante.

Por um lado, a corrupção está cada vez mais presente na avaliação do sistema. Uma corrupção que, em muitos casos, o próprio sistema oculta e até protege, no plano nacional e no plano internacional. Por que razão ainda existem tantos paraísos fiscais?

Por outro lado, os critérios tecnocráticos impostos pelo FMI, pelo Eurogrupo, pela Comissão Europeia, pelo BCE, pela própria OCDE, sobrelevam e dominam as considerações mais profundas e humanas da justiça e da solidariedade social.

Nesta luta desigual, o papel positivo dos media é, em muitos casos – da denúncia da corrupção à “leitura” crítica de indecifráveis relatórios de instituições internacionais e nacionais (daí a importância crescente do jornalismo de dados) – essencial para recordar e recuperar a dimensão ética do mundo em que vivemos ou deveríamos viver. Entretanto, a revolução digital trouxe-nos novos instrumentos para intervir na gestão e controlo da liberdade, e na procura da igualdade. Nem todos, porém, contribuem positivamente.

Os gigantes, como é o caso do Google e do ex-Facebook, por exemplo, são perigosamente dominantes e sabem demasiado sobre o que queremos, onde vamos, quando vamos, e sobre o que rejeitamos, o que não queremos.

Mas há também as redes sociais e tudo o que elas trazem de complacência, de possibilidades de intervenção na vida própria e alheia, com intenções e resultados que nos afastam dos princípios básicos da democracia em que queremos, e devemos, continuar a acreditar.

Mais recente é a Inteligência Artificial, cujo contributo é, ou pode ser, muito positivo para o progresso da humanidade, da liberdade, da igualdade, da democracia. Mas que também pode significar ou conduzir à cedência do comando aos robôs e à indolente retirada dos humanos para um metaverso onde se instalem, perdendo as rédeas do comando e deixando-se conduzir por quem é mais rápido mais incansavelmente ativo e eventualmente mais criativo, na ciência e na investigação em geral, na produção de trabalho útil no plano empresarial e até nas artes e na poesia.

Na azáfama dos seus casos e casinhos, os políticos democraticamente eleitos parecem não se aperceber dos grandes desafios que enfrentam, num mundo onde, em terra, no mar e no ar, a sustentabilidade do planeta continua a ser posta em causa.

Tudo isto me leva a perguntar: que democracia queremos e que democracia é possível, perante todos os novos desafios que surgiram nas últimas décadas e, em particular, já no século 21?

Sempre tendo em conta que vivemos num mundo cada vez mais global, mas cada vez mais dividido.

Ucrânia, Rússia e futuro de Putin, conflito Israel-Palestina, China-Taiwan, conflitos diversos em África, alvoroços permanentes na América Latina, incerteza quanto aos resultados das eleições presidenciais nos Estados Unidos são alguns dos problemas graves que enfrentamos e enfrentaremos a curto prazo.

Tudo isto, insisto, sem sabermos se haverá água, recursos naturais, energéticos, financeiros e técnicos para conduzir a nave a bom porto. É na procura de respostas a estas perguntas que se devem os verdadeiros sociais democratas empenhar.

*NOTA: Este artigo utiliza, parcialmente, texto de uma conferência proferida pelo autor, em 18 de setembro de 2023, na abertura do Ciclo de Sessões “A Fragilidade das Instituições Democráticas em Portugal”, promovido pela Associação para a Participação Cívica Participar +.*



# SÃO CAETANO ÀS LAPAS

## OS 50 ANOS DO 25 DE ABRIL E O FUTURO

**Marcos Perestrello**

Agradeço o convite do Alexandre Poço para escrever na revista da JSD. A qualidade gráfica e de conteúdos da Democrata merece uma referência positiva. Aproveito ainda a ocasião para felicitar o Alexandre Poço pela forma como exerceu os seus mandatos na presidência da JSD e, agora que está prestes a terminar a sua militância como jovem social-democrata (o tempo não perdoa), desejar-lhe felicidades na sua transição para o PSD, onde assumirá certamente novas responsabilidades políticas.

Escrevo este artigo na semana em que se comemoram os 50 anos do 25 de abril de 1974.

No estudo “Os Portugueses e o 25 de Abril”, desenvolvido por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, em parceria com a Comissão Comemorativa dos 50 Anos do 25 de Abril de 1974, 65% dos inquiridos considera o derrube da ditadura o facto mais importante da História de Portugal. Essa é a grande homenagem que os portugueses fazem ao 25 de abril. A opção de uma maioria tão expressiva dos portugueses revela bem a consciência da importância desse dia para as suas vidas e do significado que teve para o desenvolvimento do país - ao longo dos seus quase 900 anos de histórias, não se encontra em Portugal outro período em que em tão pouco tempo a vida de tantos portugueses tenha melhorado tanto.

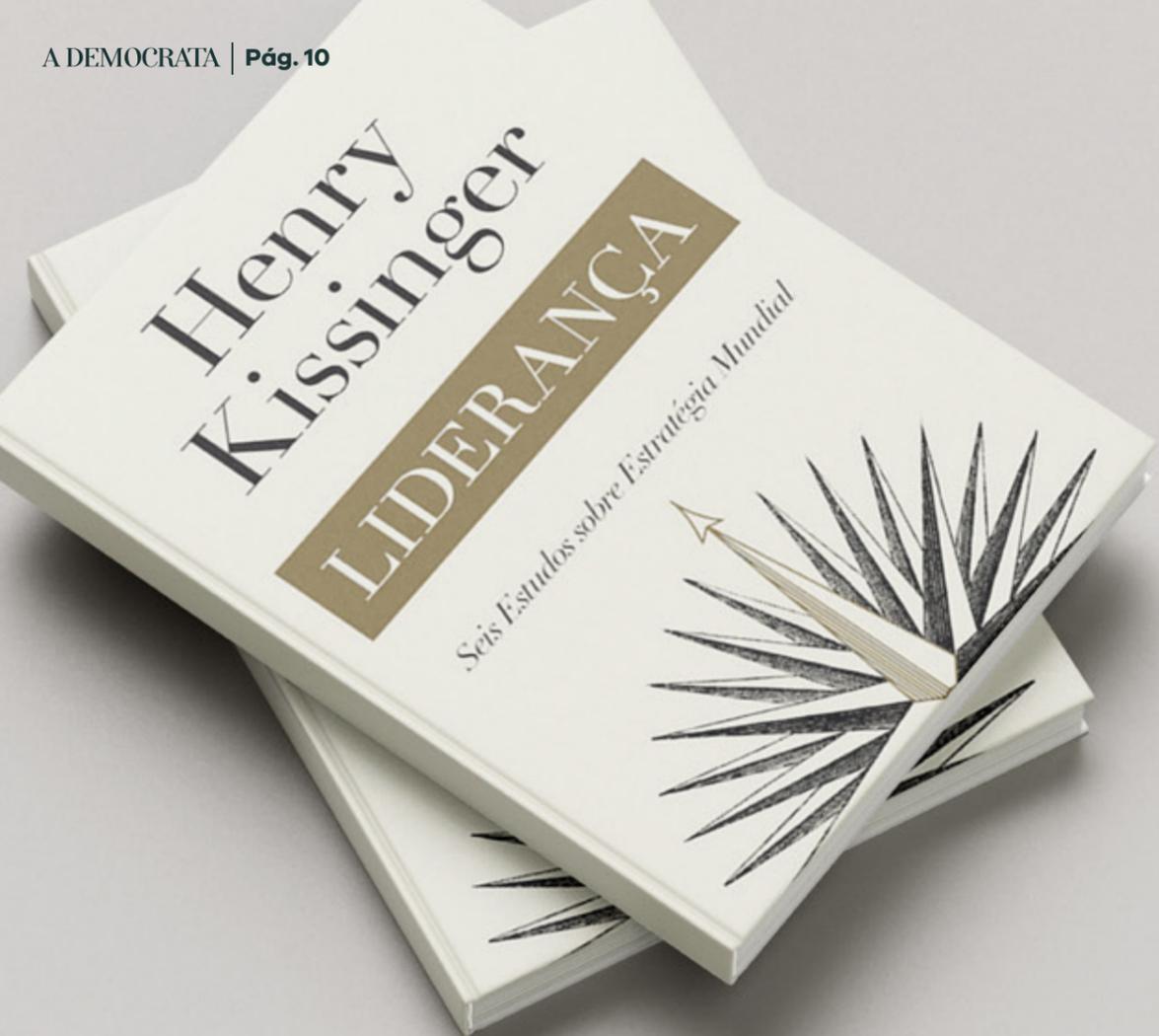
Cinco décadas passadas, não há um único indicador político, social ou económico em que Portugal e os portugueses não estejam hoje muito melhor e muito mais próximos dos outros países e povos europeus do que estavam há 50 anos. O grande desafio para o futuro é melhorar o ritmo do nosso progresso.

O 25 de abril foi um golpe militar. Ao contrário de outros golpes militares, em Portugal e noutros países, o objectivo do golpe não era instaurar uma ditadura militar - os oficiais das Forças Armadas Portuguesas que organizaram o golpe e o puseram em marcha não queriam o poder para si. Tanto o programa do MFA

(Movimento das Forças Armadas como a proclamação da Junta de Salvação Nacional, proferida na RTP logo na noite do próprio dia 25 de abril, afirmavam com clareza que a ditadura seria derrubada e substituída por um regime democrático e não por outra ditadura. Por essa razão, o dia que pôs fim à longa noite da ditadura portuguesa foi desde o começo a data fundadora da nossa democracia e como tal deve ser celebrado.

A adesão popular transformou o golpe militar numa Revolução Democrática, que a coragem física e moral, a visão política e a liderança de Mário Soares conduziram desde a primeira hora no sentido do pluralismo e da Europa. Foram essas duas opções fundamentais que garantiram o êxito continuado da Revolução e permitiram resistir às tentativas de desviar o curso democrático do 25 de abril levadas a cabo durante os anos de 1974 e 1975 tanto pela esquerda como pela direita não democráticas. Todos esses golpes foram gorados e no dia 25 de novembro de 1975 terminaram de vez.

O Governo acabou de anunciar a criação de uma comissão para celebrar no próximo ano os 50 anos do 25 de novembro de 1975, data importante da nossa história porque foi decisiva para manter intacto o espírito de abril. O General Ramalho Eanes terá segura e justamente um papel determinante nessas comemorações; infelizmente, Mário Soares já não está entre nós, mas alguém contará por ele o seu papel na liderança da frente civil das forças democráticas que garantiram a vitória no 25 de novembro. Os militantes, simpatizantes e eleitores do PSD e do CDS juntaram-se então ao PS contribuindo nas ruas para a vitória das forças democráticas. É uma pena que alguns responsáveis políticos queiram transformar o 25 de novembro e as suas comemorações num ajuste de contas com o 25 de abril. Não poderiam cometer erro maior, quer do ponto de vista histórico, olhando para o passado, quer do ponto de vista político, olhando para o futuro.



## “Liderança: Seis Estudos sobre Estratégia Mundial” – Henry Kissinger

por Artur Gomes



*Sendo a Democrata uma publicação da Juventude Social Democrata e a JSD uma verdadeira escola daqueles que serão os líderes do amanhã, com o profundo objetivo que sejamos futuros líderes com espírito crítico, interessado, informado, livre e reformador, pareceu-me de especial relevância trazer até vós o livro “Liderança: Seis Estudos sobre Estratégia Mundial” de Henry Kissinger.*



**Henry Kissinger**

Foi um político, diplomata e especialista em geopolítica americano que serviu como Secretário de Estado e Conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos nos governos dos presidentes Richard Nixon e Gerald Ford. Refugiado de uma família judia que fugiu da Alemanha Nazista em 1938, Kissinger destacou-se academicamente ao receber um diploma de bacharelado, summa cum laude, da Universidade Harvard em 1950, mais tarde também um MA e um PhD em 1951 e 1954, respectivamente. Kissinger recebeu o prêmio Nobel da Paz em 1973, pelas suas ações ao negociar um cessar-fogo no Vietname.

# DO PONTAL ATÉ À LAPA CRÍTICA CULTURAL

O Autor e Ex-Secretário de Estado Norte Americano partiu no passado ano de 2023 deixando um legado de referência na diplomacia e um conjunto de obras notáveis sobre liderança e diplomacia que devem pertencer ao conjunto de obras a estudar e a analisar por parte dos futuros líderes e dirigentes da nossa JSD.

A obra enunciada é uma obra complexa e magistral que nos oferece uma profunda e perspicaz análise sobre os desafios e as características do exercício da liderança em

diferentes contextos históricos. Nesta obra somos convidados a vivenciar e a analisar os períodos liderados por: Konrad Adenauer; Charles de Gaulle; Richard Nixon; Anwar Sadate; Lee Kuan Yew; Margaret Thatcher. Permitam-me que não só pela sua proximidade ideológica àquela que é a proximidade ideológica da JSD, mas também, pelo período histórico em que foi vivenciado, que me foque no capítulo dedicado a Konrad Adenauer. Henry Kissinger destaca neste capítulo a capacidade de Konrad

Adenauer para a reconstrução da Alemanha Ocidental após a devastação causada pela Segunda Guerra Mundial estabelecendo assim as bases para a sua ascensão como uma potência política e económica na Europa. Konrad Adenauer é descrito longamente por Kissinger como um visionário que percebeu a importância da reconciliação com os antigos inimigos da Alemanha, particularmente com a França, como um meio para garantir a estabilidade e o crescimento económico. Ainda no domínio da política externa, Adenauer procurou sempre uma parceria estreita com os Estados Unidos que foi fundamental para integrar a Alemanha na comunidade internacional.

Henry Kissinger analisa também as estratégias de política interna de Konrad Adenauer sobretudo para lidar com a oposição e as tensões da Guerra Fria, Adenauer demonstrou habilidade política ao equilibrar as exigências dos aliados ocidentais e a opinião pública alemã consolidando o seu poder e estabelecendo as bases para uma era de estabilidade e prosperidade na Alemanha Ocidental.

Em suma, o capítulo dedicado a Konrad Adenauer destaca uma liderança visionária e com grandes habilidades diplomáticas que foram cruciais para a reconstrução e ascensão da Alemanha para o gigante europeu que hoje conhecemos. Destaco também o capítulo dedicado a Margaret Thatcher neste livro, não só porque nos permite uma visão mais abrangente sobre a dinâmica na Europa durante a Guerra Fria mas pela personalidade de Thatcher que Henry Kissinger transmite em cada detalhe, demonstrando Thatcher como uma mulher

com fortes convicções e uma determinação inabalável. Destaca-se ainda a forma como influenciou e moldou a política mundial durante a Guerra Fria, sobretudo no papel crucial de Margaret Thatcher na parceria com Ronald Reagan e os Estados Unidos da América para promover valores conservadores e políticas económicas liberais. É ainda explorada na obra a postura de Margaret Thatcher sobre a União Soviética e o seu papel na queda do Comunismo na Europa Oriental.

Na conclusão da obra, Henry Kissinger procura sumarizar a evolução das lideranças políticas através dos tempos e de deixar linhas estratégicas para aquelas que devem ser as lideranças no presente e as do futuro. Ressalva a importância de uma liderança eficaz na manutenção da estabilidade e do equilíbrio entre nações e também de uma profunda necessidade dos líderes mundiais conhecerem a história, a cultura e as motivações dos diferentes países de forma a serem tomadas decisões informadas e evitar conflitos desnecessários. Henry Kissinger enfatiza ainda a necessidade de uma busca pelo bem-estar global, com uma promoção do diálogo e da cooperação internacional para a solução de problemas e desafios comuns e que não se procure única e exclusivamente o interesse próprio de cada nação.

Com o livro “Liderança: Seis Estudos sobre Estratégia Mundial” estamos perante uma obra reflexiva, imersiva, com um excelente equilíbrio entre a contextualização histórica e os modelos de liderança mas sobretudo conferindo ao leitor e aos líderes de amanhã um compêndio de práticas que poderão ser a inspiração para o amanhã.

# DIGA LÁ SUA EXCELÊNCIA

ENTREVISTA

## LEONOR BELEZA

**"A CONSTRUÇÃO  
DE UMA SOCIEDADE LIVRE,  
SOLIDÁRIA E PRÓSPERA,  
COMO EU DESEJO,  
É UMA OBRA SEMPRE  
INACABADA"**



**AD** ALIANÇA  
DEMOCRÁTICA

**50 anos do 25 de abril. Esteve desde a primeira hora ligada ao nascimento da nossa democracia, o que a motivou então a participar ativamente na SEDES, na Comissão da Condição Feminina (CCF) e no então PPD?**

A SEDES nasceu ainda antes do 25 de Abril. Era então a instituição e o sítio onde era possível, de forma limitada, discutir questões relevantes em torno do País que éramos, um País que proibia partidos e atividade política fora dos quadros do regime. A SEDES reunia um amplo número de pessoas que hoje diríamos desejavam uma democracia ocidental, baseada na liberdade.

A Comissão da Condição Feminina tinha tido origem também antes do 25 de Abril, por iniciativa da Engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo. Passou a assumir aquele nome e o estatuto de um serviço da administração pública já depois da Revolução, e eu juntei-me à mesma em 1975, pelas mãos da sua Criadora, porque desejava ter um papel ativo na modificação do estatuto das mulheres – e foram para mim anos felizes, nesse contexto, até entrar para o Governo em 1982.

O então PPD nasceu em 1974. Eu estava presente numa reunião da SEDES, justamente, onde Sá Carneiro foi anunciar a criação do Partido. Tinha já, antes do 25 de Abril, participado em encontros com deputados da Ala Liberal da iniciativa de Marcelo Rebelo de Sousa, e o PPD aparecia como o Partido que materializaria os princípios em que acreditava – e acredito, liberdade e justiça social. É muito difícil, hoje, perceber intensamente o espírito fantástico daqueles tempos.

**Quais os sonhos desses anos iniciais de 1974/75 que conseguiu ver concretizados?**

A liberdade e a democracia, o fim da guerra colonial, a inserção do nosso País no contexto dos países europeus que admirávamos. E, com esses sucessos, a realização de eleições livres e a derrota dos que queriam conduzir-nos a outra forma de ditadura.

**E quais os problemas que ainda estão longe de ter uma resposta satisfatória na sociedade portuguesa, 50 anos após o 25 de abril?**

A construção de uma sociedade livre, solidária e próspera, como eu desejo, é uma obra sempre inacabada. Sempre teríamos, em quaisquer condições, muitas respostas para construir. Assim refiro-me ao que me parece serem objetivos que deveríamos ter atingido, mas que não fomos coletivamente ainda capazes de

obter. E esses situam-se, de uma maneira muito geral, em dois planos: temos ainda números inaceitáveis de pobreza, e uma excessiva interferência de atores públicos na vida social. Julgo que, nestes domínios, ainda estamos longe de objetivos que poderíamos ter atingido.

**Ao longo da sua vida, teve várias responsabilidades em diferentes Governos e momentos da nossa democracia, quais as funções que destaca como de maior relevância entre as suas experiências governativas?**

Os três cargos governativos que desempenhei tiveram relevância que tenho dificuldade em hierarquizar, e inseriram-se em experiências políticas muito diferentes. Fui Secretária de Estado da Presidência do Conselho de Ministros em governo de AD, e tive então a meu cargo a preparação das reuniões do Conselho de Ministros. Fui Secretária de Estado da Segurança Social no governo chamado do bloco central e destaco o reforço da intervenção dos Centros Regionais na intervenção em ação social. E fui Ministra da Saúde em dois governos do PSD, o primeiro minoritário e o segundo com maioria absoluta. O que me parece então de salientar foi o estabelecimento de um regime correto de gestão dos hospitais e de regras de ordenamento da intervenção dos mesmos (“carta hospitalar”), e sobretudo a criação de regras de funcionamento e de investimento no domínio da saúde materno-infantil. E posso acrescentar que o cargo de que tenho melhores memórias foi o da Segurança Social, e que a situação política mais desafiante foi de longe a do governo minoritário, apesar de todas as dificuldades.

**Numa área que também tem um grande envolvimento, como é que avalia hoje o estado da igualdade de género no nosso país? Ainda estamos longe de uma sociedade em que homens e mulheres tenham as mesmas condições e igualdade efetiva?**

Ainda estamos a alguma distância, começando pela segunda pergunta. Quanto à primeira, há um mundo de diferença entre quando me dediquei profissionalmente a essas questões e agora. As discriminações desapareceram das leis, que hoje proclamam a igualdade, as mulheres estão em força no ensino superior, a política incluiu-as, as empresas, com mais ou menos quotas, têm mulheres nos seus quadros e administrações. Mas, e esta é a parte mais difícil, permanecem “bias” e atitudes discriminatórias, e sabemos que os passos em frente correm sempre o risco de reversão, como acontece em outras latitudes.



**Em 2023, foram participados 30 279 crimes de violência doméstica. Apesar da evolução legislativa e da maior consciência pública para a prevenção e combate a este flagelo, todos os anos temos dezenas de mulheres vítimas mortais deste crime. O que ainda falta fazer neste domínio para conseguirmos erradicar o fenómeno da sociedade portuguesa?**

Ora aqui está um dos domínios mais difíceis, e mais persistentes, que envergonha qualquer sociedade. E justamente um domínio onde as medidas legais e de organização da repressão são importantes mas não chegam. Só acredito em educação mais intensa para que se não tolere, a nenhum nível, comportamentos desses tipo. Mas, infelizmente, sabemos que a violência de vários tipos, até no namoro, existe em termos difíceis de compreender. Aquela educação tem de ser muito intensa, e a começar nos muito novos.

**Na área dos salários, as mulheres continuam a ser mais mal pagas que os homens, tendo salários base, em média, 13% inferiores. A discriminação é proibida por lei, mas o que podemos fazer para garantir que as empresas cumprem e que para função igual, o salário deve ser o mesmo, independentemente do género? Será apenas matéria de fiscalização?**

Nada, neste domínio, é só matéria de fiscalização. Quando há muitos anos, na Comissão da Condição Feminina, se começou a questionar as diferenças salariais, estas existiam, expressas, nas convenções coletivas de trabalho. Era, de facto, um outro mundo. Hoje estou convencida de que essas discriminações persistem no contexto de pré-juízos que temos mais dificuldade em eliminar. E, de novo, a par de fiscalização, é da educação e da evolução das realidades que resultará uma apreensão, diferente por todos nós, dos papéis sociais e da liberdade de escolhas para todos.

**Exercer há vários anos as funções de Presidente da Fundação Champalimaud, que balanço faz da atuação da Fundação? Pode dar-nos um breve resumo da atividade, nomeadamente nas áreas dos cuidados de saúde.**

A minha posição na Fundação Champalimaud é por mim percebida como um privilégio que me foi concedido. A Fundação existe para fazer investigação científica na área das ciências da vida. Fazemos investigação fundamental e investigação aplicada, procurando transpor conhecimento para efetivas melhorias na prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças. Para este efeito, criámos e gerimos

um hospital. Atuamos nas áreas das neurociências e do cancro. Tratamos todos os tipos de cancro mais frequentes, em adultos, e utilizamos todas as capacidades tecnológicas instaladas para efetivamente colocar os doentes no centro da nossa ação. Privilegiamos uma forte – e difícil – interação entre os cientistas e os médicos.

**E na área da investigação científica, o que destaca da ação e iniciativa da Fundação Champalimaud, quais os grandes sucessos e em que áreas da ciência tem estado a investir?**

As áreas privilegiadas na ciência e na clínica são as mesmas, justamente para que médicos e cientistas trabalhem em conjunto. Temos investido com sucesso na relação entre o funcionamento do cérebro e os movimentos, e somos absolutamente pioneiros na utilização da radioterapia, incluindo como substituição de cirurgia.

**Faltam-nos mais organizações como a que dirige para um país mais forte na área da ciência, mas também, como exercício de filantropia benéfico para uma comunidade mais forte e coesa?**

Sim, por isso considero que uma mais forte sociedade civil é tão importante para o sucesso numa sociedade.

**Estar à frente da Fundação é a responsabilidade que teve com maior impacto na vida das pessoas e da nossa sociedade?**

Certamente, mas não quero subavaliar o que fiz há muitos anos em cargos governamentais.

**Terminamos com a política. Nunca pensou em candidatar-se à liderança do PSD?**

Nunca pensei que seria esse o meu lugar no partido.

**E olhando para o futuro, tendo em conta a sua notoriedade pública e um percurso cívico, político e profissional exemplar, é várias vezes apontada como um nome a considerar para as Presidenciais de 2026. Ainda a poderemos ver como candidata presidencial?**

Espero ainda poder ver uma mulher bem mais nova do que eu ser eleita Presidente da República...

**LEONOR BELEZA**  
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CHAMPALIMAUD





**A LIBERDADE CHEGOU-NOS  
COM A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS,  
MAS A CHAMA DA LIBERDADE  
VIBRA HOJE TÃO INTENSAMENTE  
COMO HÁ 50 ANOS”**

**por Inês Varajão Borges**

Presidente do Conselho  
de Jurisdição Nacional da JSD

# LARANJA MECÂNICA

**50 anos de abril.**

**50 anos de democracia.**

**50 anos de liberdade.**



Comemorar os 50 anos do 25 de abril é prestar homenagem a todos os que, em nome do povo português, lhe devolveram a condução dos seus destinos e sonharam um Portugal próspero, unido e livre. Mas é também preservar a memória do que era Portugal e honrar o regime democrático em que vivemos. É afirmar que Portugal é uma República que reconhece a primazia da dignidade da pessoa humana e que Portugal é um Estado que respeita e garante os direitos e liberdades fundamentais de cada um.

50 anos depois, nas ruas, o povo português demonstrou não ter esquecido o passado. As novas gerações, que nasceram e viveram livres, provaram não prescindir da liberdade sonhada pelas gerações anteriores e por nós herdada, nem de a conquistar e reconquistar todos os dias. A liberdade chegou-nos com a Revolução dos Cravos, mas a chama da liberdade vibra hoje tão intensamente como há 50 anos. Abril não tem de ser repetido, porque abril continuou e continua a ser celebrado: todos os dias, por todos nós.

Em 50 anos, Portugal viu uma imensidão de liberdades serem conquistadas. Muitas que damos por garantidas. Mas que é importante não esquecermos e não deixarmos esquecer o que era Portugal há 50 anos. É importante cumprirmos abril e mantermos a revolução viva: é importante não deixarmos qualquer porta entreaberta ao regresso a um passado que devemos deixar para trás.

Hoje, cumprir abril é garantir que as novas gerações têm condições para realizarem os seus sonhos. É garantir que os jovens de hoje e os jovens de amanhã não terão medo do futuro, tal como há 50 anos os jovens de então não tiveram medo de resistir pela liberdade de todos nós, tendo-nos proporcionado a todos a liberdade de vivermos uma vida onde podemos ser quem quisermos, sem receios.

Cumprir abril é assegurarmo-nos que formamos as futuras gerações e as equipamos com o conhecimento e as competências necessárias a um futuro de liberdade, sem amarras. Os métodos de ensino tradicionais poderão não ser os mais eficientes, num mundo onde a tecnologia está a evoluir de forma desmedida. A “desigualdade digital” será certamente um dos desafios do futuro e que terá impacto no futuro dos alunos e, consequentemente, no futuro da sociedade. Cumprir abril é garantir igualdade de desempenho entre alunos de origens diferentes; é garantir que o Estado promove a redução desta desigualdade. Cumprir abril é proporcionar um acesso adequado a recursos e oportunidades, integrando e motivando todos os alunos.

Cumprir abril é garantir o acolhimento, a inclusão e a integração daqueles que procuram abrigo no nosso país. Mas também é criar as condições necessárias para que os jovens, cada vez mais capacitados e qualificados, não se sintam obrigados a procurar alento fora do nosso país, sítio onde não conseguem realizar os sonhos que têm para o seu futuro e onde não têm acesso a oportunidades.

Um país livre, é um país com futuro. E o futuro faz-se com os jovens e com as novas gerações. Cumprir abril é assegurar que há futuro; é proporcionar aos jovens oportunidades e recursos para poderem alcançar os seus sonhos. Cumprir abril é garantir o acesso à habitação. É garantir que os jovens têm acesso a habitação estável e acessível. É garantir que podem escolher construir em Portugal o seu projeto de vida.

**“CUMPRIR ABRIL É CONTINUAR A GARANTIR TODOS OS DIREITOS QUE FORAM CONQUISTADOS E LUTAR POR TODOS OS DIREITOS QUE AINDA NÃO FORAM RECONHECIDOS. CUMPRIR ABRIL É TRABALHAR PELA MUDANÇA, PELA LIBERDADE, PELA DEMOCRACIA”**



Cumprir abril é questionar, sem medo, o presente e o futuro do mundo do trabalho, garantir a estabilidade no emprego e combater a pobreza e a precariedade. É investir no potencial dos jovens e equipar as gerações mais jovens com os conhecimentos necessários para prosperar no mercado de trabalho e prepará-los para enfrentar os desafios desse mundo. Cumprir abril é investir no desenvolvimento e no crescimento dos jovens. Os empregos de hoje e de amanhã vão exigir um novo conjunto de competências. Cumprir abril é certificar que se fazem as adaptações estruturais necessárias e que se investe no desenvolvimento, na inovação e no crescimento.

Cumprir abril é assegurar um acesso a cuidados de saúde de qualidade e em tempo clinicamente aceitável. A sustentabilidade do Sistema Nacional de Saúde implica um compromisso contínuo com a inovação e eficiência, para além de um financiamento adequado. Nos últimos anos, Portugal estagnou no comparativo internacional dos sistemas de saúde e degradou gravemente as condições de acesso universal aos cuidados de saúde. A garantia constitucional de acesso universal aos cuidados de saúde deve ser cumprida com recurso a todos os meios públicos, privados e sociais existentes e devidamente articulados, num sistema competitivo que premeia a eficiência e a qualidade da resposta de saúde aos cidadãos.

Cumprir abril é continuar a promover a diversidade, a inclusão, a igualdade e a realização dos Direitos Humanos universalmente protegidos. Apesar das muitas conquistas que, ao longo do tempo, têm sido feitas ao nível da igualdade de género, o fosso entre homens e mulheres continua a ser evidente. No que diz respeito à inclusão, ainda não se alcançou uma educação verdadeiramente inclusiva, a inclusão social, comunitária e laboral, e o direito à autodeterminação e à representatividade institucional.

Cumprir abril é continuar a garantir todos os direitos que foram conquistados e lutar por todos os direitos que ainda não foram reconhecidos. Cumprir abril é trabalhar pela mudança, pela liberdade, pela democracia. É garantir que todos os setores do nosso país crescem, terminando mais um ciclo de empobrecimento, de estagnação e de inflação.

Cumprir abril passa por mim, por ti, por nós. Cumprir abril é usarmos as armas que os Capitães de abril nos legaram para que, daqui a 50 anos, possamos celebrar as conquistas destes novos 50 anos num país próspero, livre e igual, com um passado que nos orgulha e com um futuro pelo qual ansiamos.

# JSD LOOK & FEED

## O QUE SE PASSA NAS NOSSAS REDES

Fica a conhecer quais os conteúdos que tiverem mais buzz este mês!



Acompanhe as nossas redes



♥ 1333  
O post com mais interações de abril

## TOP 5 Conteúdos do mês



♥ 1126



♥ 995



♥ 977



♥ 908

# 28º CONGRESSO NACIONAL

21, 22 e 23 de junho  
Lisboa





# ENSAIAR O FUTURO

## DO PASSADO AO FUTURO, COMO RESPEITAR AQUELE E ENSAIAR ESTE?

**Por Paulo Cunha**  
Vice-Presidente do PSD  
e candidato ao Parlamento Europeu

Está enraizado em cada um de nós uma certa ambiguidade entre o passado e o futuro, entre os que já viveram e os que viverão, com frequentes comparações entre dificuldades e oportunidades, como se de uma comercialmente denominada análise SWOT se tratasse. Não é assim que devemos abordar o convívio entre gerações, nem esse é o cânone certo para avaliar o que uns fizeram e prognosticar o que outros farão.

Da mesma forma em que o futuro não é o prolongamento do passado, nem o passado é a antecâmara do futuro, os filhos não são meros sucessores dos pais nem estes presunçosamente progenitores daqueles. A melhor forma de uma geração respeitar a que lhe sucede é a de resistir à tentação de definir o seu percurso, de a "programar". Os passivos geracionais não se restringem aos de dimensão social, ambiental e financeira. Ninguém se pode atrever a construir legados fundados nas suas convicções, num exercício autista de sobrevalorização do seu pensamento acerca do que é melhor ou pior para quem cá estiver no futuro.

A matriz do convívio entre gerações deve assentar no estrito respeito do direito de cada uma delas poder definir o seu percurso de acordo e em sintonia com as suas convicções, ainda que isso signifique uma rutura com o passado. Nem sempre o futuro é um prolongamento, ou se quiserem, um desenvolvimento do passado. A história não se faz só de continuidade. Muitas vezes temos que admitir que a construção do futuro se faça sobre a ruína do passado e os obreiros desse passado devem aceitar a destruição das suas valiosas conquistas, sempre que isso for condição relevante para que o futuro também possa lograr idênticas valiosas conquistas.

Os jovens não podem ser os meros executores das decisões dos mais velhos, nem sequer os "beneficiários" dos seus "feitos". Também não concordo nem defendo que os jovens se devam mobilizar para ser o oposto dos seus pais, como se de uma dialética hegeliana se tratasse e o propósito de uma geração fosse construir um futuro melhor, assente na aniquilação da geração anterior num autêntico exercício de imolação.

De tudo o que vem dito também não se deve concluir que a relação entre gerações deva ser uma folha em branco, que não deva existir uma imagem de transmissão de testemunho, que a rutura entre as gerações seja sempre o melhor meio de assegurar a realização futura em relação ao passado.

Não, não é esse o meu pensamento.

Acredito que o respeito entre as gerações pode e deve pressupor a relação entre elas, com espaço para que, sem juízos de compaixão ou outros análogos, haja um cuidado protetor, uma proteção assente no respeito e na autodeterminação e nunca na indiferença perante o que houver de acontecer a quem nos suceder.

Aos que hoje governam ou lideram estruturas públicas ou privadas, assim como aos pais e avós, importa reconhecer os êxitos por tudo quanto fizeram, homenageá-los pelos seus feitos, sim, sem qualquer dúvida, mas também empoderá-los, capacitá-los para o posicionamento certo com o futuro, com os que no futuro também vão governar, liderar estruturas públicas ou privadas, os que serão pais e avós.

A grande questão é a de como construir esses laços ou elos intergeracionais que logrem os efeitos desejados sem as consequências nefastas aqui referidas e que devemos evitar. O sucesso não depende só dos

mais velhos, também depende dos mais jovens. Não depende só das instituições e particularmente de quem nos governa nos mais diversos níveis da governação, mas também dos cidadãos.

Não podemos nem devemos programar o futuro, mas podemos ensaiá-lo, perspectivá-lo, torná-lo possível, criar condições para que ele exista de forma plena e isso tem que ser feito no presente! Por outro lado, os jovens não se podem limitar a esperar que o futuro aconteça, que os mais velhos cumpram o presente e "lhes entreguem o futuro numa bandeja". O inconformismo tem que ser praticado mais do que apregoadado. Os jovens não podem ficar comodamente instalados no "divã do futuro" à espera que ele aconteça, sem que nada façam por isso.

Todos os agentes, públicos e privados, todas as gerações, dos mais velhos aos mais jovens, devem estar envolvidas e empenhadas no sucesso do processo intergeracional, desde logo porque o sucesso deste a todos eles aproveita. Ganham os mais jovens porque asseguram o futuro e os mais velhos porque o seu percurso passado é reconhecido.

Nenhuma geração tem que abdicar do seu futuro para que haja futuro, mas todos devemos saber renunciar a ocupar o espaço que será dos outros, sob pena de não haver espaço para os outros.

**NÃO PODEMOS NEM DEVEMOS PROGRAMAR O FUTURO, MAS PODEMOS ENSAIÁ-LO, PERSPETIVÁ-LO, TORNÁ-LO POSSÍVEL, CRIAR CONDIÇÕES PARA QUE ELE EXISTA DE FORMA PLENA E ISSO TEM QUE SER FEITO NO PRESENTE!**



**PSD**

# RETRATO DE UM PROUST ENQUANTO JOVEM



**Juliana Cerqueira**  
Vogal da CPN da JSD

**1) Almoçar todos os dias para o resto da vida com André Ventura ou com Mariana Mortágua?**

Pergunta difícil, eu gosto de desfrutar das minhas refeições e nenhum dos convidados me permitiria isso. Por isso, não escolho nenhum dos dois.

**2) Gostaria mais de ver regressar ao PSD Isaltino Morais ou Pedro Santana Lopes?**

Prefiro o regressar de Santana Lopes.

**3) Qual o mal menor: Pedro Nuno Santos ou José Sócrates?**

Não existe mal menor, existem escândalos, indeminizações milionárias e corrupção.

**4) Qual o melhor autarca do PSD na atualidade?**

São todos aqueles que estão na política por uma causa maior e não para se beneficiarem a eles próprios, aos familiares e amigos. O melhor autarca é aquele que tem como objetivo melhorar as condições de vida dos seus eleitores, sendo justo e honesto.

**5) Ser presidente do seu município em 2025 ou no próximo governo PSD ser Sub-Secretário de Estado sob tutela de um Vice-Ministro que por sua vez era tutelado por um Ministro-Adjunto?**

Em 2025 o meu município continuará muito bem entregue, por isso escolho a segunda opção.

**6) Se houvesse um referendo para mudar o nome da "Ponte 25 de Abril" e as duas únicas alternativas no boletim de voto fossem "Ponte Otelo Saraiva de Carvalho" e "Ponte António de Oliveira Salazar", em qual votaria?**

O meu voto seria em branco.

**7) Belém 2026: um ex-presidente do PSD, um ex-primeiro-ministro PSD, ou ex-presidente de um partido com o qual o PSD já esteve coligado?**

Um ex-presidente da JSD e do PSD e que também já foi Primeiro Ministro PSD. Portugal precisa de Pedro Passos Coelho.

**8) Melhor e pior líder de sempre do PSD?**

Para mim o melhor líder do PSD foi sem dúvida Francisco Sá Carneiro. No que diz respeito ao pior... não se aplica no PSD.

**9) Melhor e pior líder de sempre da JSD?**

Pior líder da JSD? A JSD só teve bons líderes, começando em António Lacerda Queiroz e continuando com o nosso atual líder, Alexandre Poço. Não posso deixar de referir Margarida Balseiro Lopes, cujo mandato foi um marco para as jovens mulheres na política.

**10) Votou no seu presidente da secção do PSD?**

Claro que sim.

**11) TAP, RTP ou CGD. Se o Governo o convidasse para ser presidente de uma destas empresas, aceitava?**

Sim, eu aceitava a nobre missão de levar uma destas empresas a bom porto.

**12) Três deputados do PSD na AR: um para almoçar para o resto da vida todos os dias, um para partilhar casa durante um ano e um para fazer um retiro espiritual durante um mês no Tibete. Justifique.**

Para almoçar todos os dias, eu escolheria Hugo Soares porque nunca iríamos ficar sem tema à mesa. Partilhar casa requer uma amizade de uns bons anos, por isso seria com Emília Cerqueira. O retiro, acho que para já nenhum deputado precisa de um retiro espiritual, mas daqui a 2 anos talvez leve Aguiar Branco.

**13) Olhe para o telemóvel: Qual a primeira pessoa do PSD que aparece na sua lista telefónica?**

O nosso líder da JSD, Alexandre Poço

**14) Olhe para o telemóvel: Qual foi a última pessoa do PSD com quem trocou uma mensagem no Whatsapp?**

José Alfredo Oliveira

**15) Momento Mourinho: Qual a sua cadeira de sonho no PSD?**

Prognósticos só no fim do jogo... Momento João Pinto.

# FAZER A DIFERENÇA

**Novos Deputados da JSD iniciam funções na Assembleia da República**

Com o início da nova Legislatura da Assembleia da República, o Alexandre Poço, Martim Syder, Eva Brás Pinho e Clara de Sousa Alves são os Deputados da JSD que nos vão representar no Parlamento. Comprometidos com a defesa das novas gerações e do nosso manifesto eleitoral, poderás contactar os Deputados da JSD para fazer ouvir a tua voz através do nosso website, redes sociais, e também através das redes sociais de cada um dos Deputados.



**JSD realiza 28º Congresso Nacional a 21, 22 e 23 de junho em Lisboa**

É com entusiasmo que realizaremos o 28º Congresso Nacional da JSD, nos dias 21, 22 e 23 de junho, em Lisboa, conforme aprovado no Conselho Nacional da JSD realizado no último dia 7 de abril na Covilhã. Neste congresso decorrerá a eleição para os órgãos nacionais da Juventude Social Democrata, para o mandato 2024/2026.

**JSD volta a descer a Avenida da Liberdade nos 50 anos do 25 de abril**

"Também somos Abril" foi o mote da participação da Juventude Social Democrata no desfile dos 50 anos do 25 de Abril, organizado pela JSD Lisboa, e que contou com a presença do Alexandre Poço. Pelo 2º ano consecutivo, a JSD voltou a demonstrar que abril não tem donos.



# LOJAJ



## A LOJA OFICIAL DA JSD JÁ ESTÁ ONLINE!

É verdade, todo o merchandising que estavas à procura já está disponível na nossa loja online. Mostra a tua verdadeira cor com fantásticos ítems que podes comprar para ti ou para oferecer a pessoas muito especiais.



Saco de Linho #1



Saco de Linho #2

Mais produtos e mais novidades todos os meses!



Almofada de Praia



Caderno de Notas



Meias



A Democrata



Acede à nossa loja em [www.lojajsd.pt](http://www.lojajsd.pt)

# A DEMOCRATA

FAZ JUS AO SEU NOME.

É DE ABRIL, MAS É MUITO DE NOVEMBRO.

É PÚBLICO QUE É MAIS O INDEPENDENTE.

É UMA PEDRADA NO CHARCO.

USUFRUÍ DO ATREVIMENTO PRÓPRIO DA JUVENTUDE.

É QUENTE OU FRIA, NUNCA MORNA.

PREFERE SER POLÉMICA A SER CHATA.

PREFERE A INICIATIVA PRIVADA À PRIVAÇÃO  
DE LIBERDADE ECONÓMICA.

É ATLANTISTA E EUROPEÍSTA. MAS NÃO É ESTÚPIDA.

DESPREZA MOSCOVO, MAS RESPEITA O POVO.

É PLURAL. DENTRO DO POSSÍVEL.

É UMA REVISTA. O AVANTE É UM MISSAL.

NÃO É A IRMÃ MAIS NOVA DO POVO LIVRE.

É PAGA PELO PARTIDO, MAS NÃO É VENDIDA AO PARTIDO.

FICA, AS LIDERANÇAS DA JOTA PASSAM.

**É LARANJA QUE DÓI.**

TEMOS PENA.